

METODOLOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

*ACTIVE METHODOLOGIES IN THE TRAINING OF HIGH SCHOOL
STUDENTS: REPORT OF PEDAGOGICAL EXPERIENCE*

Denize da Silveira Foletto^I 

Elisangela dos Santos Costa^{II} 

^I Universidade Franciscana,
UFN, Santa Maria, RS,
Brasil. Doutora em Educação.
Docente no Programa de
Pós-graduação em Ensino de
Humanidade e Linguagens.
E-mail: denizefoletto@gmail.
com

^{II} Escola Estadual de
Ensino Médio João Isidoro
Lorentz, Formigueiro,
RS, Brasil. Licenciada em
Geografia e História. E-mail:
elisisadoracosta@gmail.com

Resumo: O presente relato de prática visa apresentar os resultados de um trabalho desenvolvido nos componentes curriculares de Filosofia e Sociologia de uma Escola Estadual de Ensino Médio do interior do Rio Grande do Sul, Brasil, que teve a competência socioemocional expressa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) como pano de fundo. Além disso, discute as contribuições das metodologias ativas para o processo de ensino e aprendizagem. A metodologia utilizada possui afinidades com a pesquisa qualitativa, do tipo relato de experiência e é fundamentada teoricamente pela BNCC (2018) e pelos autores Moran (2017); Krawczik (2011). O trabalho realizado está vinculado ao projeto de extensão de uma Universidade da rede privada do RS, intitulado “Metodologias Ativas: uma proposta inovadora para professores da Educação Básica”, que tem a formação continuada de professores da referida escola como basilar. Na opinião dos(as) estudantes, a experiência com o seminário foi muito significativa, pois proporcionou experiências importantes para a formação humana deles(as). Portanto, a educação é um investimento formativo do humano e a mediação do professor nesse processo é universal e insubstituível. Assim, é inegável a contribuição das metodologias ativas para a formação integral dos estudantes e para a inovação da práxis pedagógica do professor.

Palavras-chave: Formação integral. Mediação pedagógica. Seminário de estudo.

Abstract: The present practice report aims to present the results of a work developed in the curricular components of Philosophy and Sociology of a State High School in the countryside of Rio Grande do Sul, Brazil, which had the socio-emotional competence expressed in the Common National Curricular Base (BNCC, 2018) as a background. In addition, it discusses the contributions of active methodologies to the teaching and learning process. The methodology used has affinities with qualitative research, of the experience report type and is theoretically grounded by BNCC (2018) and by the authors Moran (2017); Krawczik (2011). The work carried out is linked to the extension project of a University in the private network of RS, entitled “Active Methodologies: an innovative proposal for teachers of Basic Education”, which has the continuous training of teachers of the referred school as basic. In the students’ opinion, the experience



DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v17i32.314>

Submissão: 20-07-2010

Aceite: 18-11-2020



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

with the seminar was very significant, as it provided important experiences for their human formation. Therefore, education is a formative investment of the human and the mediation of the teacher in this process is universal and irreplaceable. Thus, the contribution of active methodologies to the integral training of students and to the innovation of the pedagogical praxis of the teacher is undeniable.

Keywords: Integral training. Pedagogical mediation. Study seminar.

Introdução

Conciliar os objetos de estudo utilizando abordagens que vão ao encontro das necessidades dos estudantes, bem como da realidade em que vivem é o objetivo maior de todo professor que tem comprometimento com seu papel em uma educação de qualidade. No entanto, na ação, percebe-se que entre as concepções teóricas e a prática real em sala de aula se faz presente muitos entraves a serem superados. De acordo com Moran (2015) a aprendizagem é mais significativa quando os estudantes são motivados, quando encontram sentido nas atividades propostas, quando seus interesses são consultados, quando se engajam em projetos em que podem contribuir, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las.

A utilização de metodologias ativas proporciona ao estudante sair do papel de coadjuvante/expectador da aprendizagem, provocando maior colaboração entre professor e aluno em relação ao objeto do conhecimento abordado e uma reflexão crítica em ambos, pois segundo Moran (2015, p. 1) “as metodologias ativas são caminhos para avançar mais no conhecimento profundo, nas competências socioemocionais e em novas práticas”.

Dentre as metodologias ativas, os seminários de estudo consistem em atividades que possibilitam aos estudantes não apenas o aprendizado individual, mas uma construção deste de maneira colaborativa. Esse compartilhamento que ocorre desde a elaboração até a apresentação, cria espaços em que ele se torna um sujeito mais ativo, pois está entre seus pares, minimizando eventuais barreiras/inseguranças que se fazem presentes quando ocorre em um ambiente “estranho”. Dessa forma a aprendizagem acontece com mais facilidade ao mesmo tempo em que dá ao estudante uma bagagem maior para alcançar voos mais altos, na medida em que ele aprende a organizar a atividade com os colegas, fazer questionamentos, expor suas opiniões em um ambiente conhecido.

Nesse contexto, o professor exerce importante função, pois precisa proporcionar aos estudantes um espaço de acolhimento, para que assim eles possam se sentir seguros e confiantes e, sobretudo, percebam a importância de serem protagonistas da sua aprendizagem e da riqueza que advém de superar seus medos e entender o real valor de conviver em uma sociedade multicultural, com grande diversidade e em constante transformação. O professor, enquanto profissional qualificado, deve atuar como mediador no processo de ensino e aprendizagem incentivando, problematizando a temática abordada nas aulas, esclarecendo as dúvidas que eventualmente os estudantes apontem. Deve atuar de maneira a desenvolver a criticidade do estudante e, para tanto, é preciso que ele também possua essa habilidade para auxiliar na interação e posicionamento.

Ao usar metodologias ativas o professor encontra uma maneira de introduzir um ensino que instigue o estudante e desperte nele a sensibilidade para compreender as diferentes visões sobre um mesmo tema e também as implicações que o poder do conhecimento traz para a sua vida.

Existem inúmeras possibilidades de utilizar metodologias ativas no Ensino Médio. No entanto, é importante destacar que, no Brasil, com as grandes mudanças promovidas pelos governos no currículo aumentaram também os desafios para os professores e demais profissionais da educação. Historicamente, segundo Krawczik (2011, p. 757) “o currículo do ensino médio sempre foi um campo de disputa entre diferentes projetos sociais, que concorrem pela apropriação de parcela do conhecimento socialmente produzido, e entre distintos grupos profissionais, pelo seu potencial de ampliação da inserção no mercado de trabalho”.

O professor, então, precisa lidar com as contradições inerentes ao sistema educacional visto que, assim como alguns alunos, terão condições de seguir estudando, outros, apenas desejam concluir o Ensino Médio e ingressar logo no mundo do trabalho. Trata-se de um papel imprescindível do profissional em educação que é o de dar sentido aos objetos do conhecimento trabalhados e não apenas reproduzi-los mecanicamente, sem nenhuma interação ou contextualização.

No mundo globalizado em que as tecnologias muitas vezes trazem um conhecimento superficial e, talvez, descomprometido com a verdade, trabalhar textos que provoquem questionamentos, discussões e apreensão do conhecimento nem sempre é visto como algo interessante. Na área de ciências humanas, uma das maneiras de resolver essa questão é deixar de lado as concepções da “educação bancária” (FREIRE, 1987) e substituir o modo passivo de ensino no qual o estudante só “recebe” o conteúdo por uma forma de apreensão do conhecimento com maior participação dele. Essa mudança, traz uma responsabilidade muito grande ao professor: a necessidade de aperfeiçoar sua maneira de trabalhar de forma a estimular o estudante na construção do seu aprendizado e na compreensão de seu papel na sociedade e na leitura de sua realidade. Assim, as mudanças essenciais na esfera, em especial, da educação pública, exigem do “professor uma “conversão” em diversos níveis: cognitivo, pedagógico, psicológico, social e político. São exigências que apontam para habilidades que os docentes muitas vezes não possuem e colocam a necessidade de ressocialização e reprofissionalização dos professores (KRAWCZYK, 2011, p. 765).

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo relatar uma experiência de prática pedagógica apoiada por um projeto de extensão desenvolvido em parceria com uma Universidade privada, em que os professores assumiram o compromisso de se desafiar com uma práxis pedagógica mais dinâmica no sentido de ultrapassar o ensino exclusivamente técnico e tradicional.

A partir do questionamento de uma aluna na aula de Filosofia, quando trabalhado o texto de Zygmunt Bauman intitulado “Sozinhos no meio da Multidão” (2011, in cap. 2, 44 Cartas do Mundo Líquido Moderno) emerge o tema “medo” que, na esteira da metodologia ativa “seminário de estudo”, objetivou desenvolver atributos importantes para a vida de qualquer

sujeito como a empatia, atitudes e valores de estudantes dos 3^{os} anos do Ensino Médio, por meio da vivência prática.

Neste texto, inicialmente, traz-se a fundamentação teórica em que é abordada a importância das metodologias ativas; das habilidades e competências socioemocionais expressas na BNCC (2018) e da formação integral do sujeito. Após, apresenta-se o percurso metodológico da construção deste artigo e da prática realizada. Por fim, discutem-se as impressões da atividade prática realizada e lançam-se as considerações finais acerca do trabalho, em que se pontua a contribuição da metodologia ativa “seminário de estudo” para a formação integral dos estudantes e para uma prática mais renovada do professor.

Breve contextualização teórica

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) é um documento que tem por objetivo orientar a aprendizagem das escolas brasileiras e promover oportunidades iguais para todos os estudantes. Pretende, por meio de suas competências, mobilizar conhecimentos e habilidades que possam estimular estudantes da educação básica a pensar em soluções criativas para construir uma sociedade mais justa e fraterna.

O documento indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências, a qual é definida como a “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BNCC, 2018, p. 8). Dessa forma, aponta que os estudantes

devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (BNCC, 2018, p. 13).

Assim, a nova BNCC apresenta em sua estrutura dez competências gerais que ao longo da Educação Básica os estudantes devem desenvolver. Essas competências gerais “pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BNCC, p. 8). Pois, formar crianças e adolescentes que enfrentem os desafios do século XXI requer o desenvolvimento de um conjunto de competências necessárias para aprender a viver, conviver e trabalhar em um mundo cada vez mais dinâmico, tecnológico, complexo e interativo.

A BNCC (2018), em sua competência 9 prevê que o estudante exercite

a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BNCC, 2018, p. 10).

Essa competência objetiva orientar o trabalho de toda a comunidade escolar durante a educação básica para desenvolver a formação integral dos estudantes. As intervenções socioemocionais encontrarão suporte nesta competência para se fortalecer. Isso reafirma a importância desse documento, pois nele não se incluem apenas competências específicas, mas também de valores e pretensões que se deseja para o sistema educacional e para o projeto de vida dos estudantes. Daí a primordialidade da inovação nas estratégias metodológicas que colaboram para o trabalho integrado e contextualizado nas áreas do conhecimento, como as metodologias ativas. Segundo Moran (2017) a metodologia é a que orienta os processos de ensino e aprendizagem e que se concretiza em estratégias, abordagens e técnicas específicas, diferenciadas.

Neste contexto, compreender também que as competências socioemocionais são habilidades que a pessoa pode aprender e praticar e que o professor pode ensinar, é um caminho para promover o desenvolvimento integral do estudante. Assim, as habilidades socioemocionais vêm sendo discutidas como um conjunto de competências que, associadas ao conhecimento cognitivo, contribuem na formação de cidadãos mais motivados, solidários, comprometidos, produtivos e socialmente mais responsáveis.

Em consonância às competências gerais, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas¹, a Competência Específica 6 apresenta a participação do estudante no debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BNCC, 2018). Ou seja, ela trata do protagonismo do estudante, concedendo, para isso, um instrumental teórico e conceitual contextualizado que permite a ele compreender, posicionar-se e intervir nas discussões coletivas de maneira democrática, responsável, crítica. Os temas trabalhados na Competência Específica 6 fortalecem e contribuem para o desenvolvimento da Competência Geral 6 – Trabalho e Projeto de Vida, pois auxilia o estudante a entender o mundo e fazer escolhas assertivas em relação à cidadania e ao seu Projeto de Vida.

Diante disso, é possível perceber que todas as dez competências estão interligadas no que se refere ao desenvolvimento integral do estudante. O conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere

à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir (BNCC, 2018, p. 14).

Em outras palavras, a Educação Básica deve primar pela formação e desenvolvimento global do ser humano, ou seja, o compreender na sua dimensão intelectual (cognitiva) e afetiva, assumindo uma visão ao mesmo tempo plural, singular e completa do estudante, considerando-o como sujeitos de aprendizagem e “promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades” (BNCC, 2018, p. 14). Além do mais, “a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve

¹ Devido o artigo apresentar um trabalho realizado nos componentes curriculares de Filosofia e Sociologia, nele será tratado somente o que se refere à área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades” (*Ibid*, 2018, p. 14).

Combinadas à nova BNCC tem-se a sistemática da personalização do ensino, isto é, a estrutura da aula deixa de ser centrada nas informações do professor e passa a se focar na ação do estudante sobre os conhecimentos que precisam ser trabalhados. Para isso, professores e estudantes planejam o caminho de aprendizagem que deve ser seguido. A atuação do professor é a de mediador e orientador; e o estudante, com mais autonomia e responsabilidade, age explorando, por meio dos recursos que tiver disponível, aqueles conhecimentos que integram (ou extrapolam) o currículo. Essas aulas são desenvolvidas por meio de pesquisas, discussões, construção de protótipos e uma infinidade de possibilidades que podem ser criadas a partir do levantamento de ideias coletivas. A personalização não está atrelada ao pensamento de que o ensino vai ser diferente para cada estudante, mas ao fato de que professores e estudantes construirão caminhos personalizados para se chegar aos resultados desejados: a aprendizagem. Portanto, o valor dado é ao caminho percorrido, à experiência.

Inspirados na ideia de personalização, muitos professores têm criado estratégias inovadoras para conduzir suas aulas. Isso porque percebem que seus estudantes não estão aprendendo com os métodos tradicionais ou simplesmente porque querem mudar suas aulas. Diante desse movimento de reflexão sobre a prática docente, hoje é possível contar com uma variedade de metodologias chamadas Metodologias Ativas, as quais têm por objetivo desenvolver o protagonismo do estudante, ou seja, ele deixa de apenas receber a informação por parte do professor para partir em busca da sua aprendizagem. As metodologias ativas vêm para dar o suporte necessário às mudanças no contexto da sala de aula, atingindo, conseqüentemente, todo o ambiente escolar e a formação do estudante.

Conforme Morin (2018) muito se tem discutido sobre as contribuições das metodologias ativas, tanto na educação básica quanto na superior, como abordagens pedagógicas capazes de instigar os estudantes a descobrir e, a partir disso, aprender por meio da investigação ou resolução de problemas.

Mesmo o assunto sobre metodologias ativas não ser novo (Dewey, fim do século XIX) Morin (2018) afirma que hoje há evidências científicas (Psicologia, Neurociência, Pedagogia) do quanto elas são importantes para uma aprendizagem mais ampla e profunda, e, claro, devido as constantes mudanças no contexto em que se vive, a urgência de se fazer uso adequado delas. Pensando nisso, Morin (2018) alerta, entretanto, que existem distintas interpretações das metodologias ativas no que se refere ao alcance e ao significado delas.

Uns entendem as metodologias como domínio de algumas técnicas e abordagens para envolver mais os estudantes (aula invertida, rotação por estações, projetos) e as utilizam predominantemente de forma individual. Outros as veem como estratégias mais complexas centradas na participação efetiva dos estudantes, na integração maior entre áreas de conhecimento e docentes (salas de aula adaptadas, projetos integradores, como o STEAM que articulam Ciências, Matemática, Engenharia, Artes e Tecnologias). Um grupo menor de educadores e gestores enxergam as metodologias ativas dentro de um movimento de transformação mais ampla das Escolas e Instituições de Ensino Superior, que reestrutura o currículo por projetos, os espaços, a avaliação e a participação mais efetiva da comunidade (MORAN, 2018, p. 1).

O que fica claro a partir da citação acima é que as metodologias ativas estão associadas a diferentes conceitos de participação e pressupõem uma mudança cultural na visão sobre o espaço educacional, tanto da escola básica quanto do ensino superior, por parte de todos os segmentos que compõem este ambiente. Os profissionais que trabalham no universo escolar integram uma cultura (ou culturas) que constitui uma rede de crenças, expectativas, normas e comportamentos. As interações estabelecidas neste espaço resultam numa marca que reproduz a identidade, o desenvolvimento profissional e a socialização de tudo o que acontece. Essa marca produz a diferença de escola para escola, de universidade para universidade, a qual transparece na cultura e subculturas dessa mesma organização.

Sendo assim, é necessário mudar paradigmas consolidados. Ao professor compete o compromisso de ocupar a função de mediador do processo e para isso, é essencial investir em formação. Essa formação perpassa pela experimentação; tempo para planejar individual e coletivamente as tarefas; incentivo pela maior participação dos estudantes; e amplo domínio das tecnologias digitais. Os gestores devem auxiliar nessa formação intercedendo na promoção de momentos de compartilhamento de ideias e práticas e aproximando os mais proativos dos que têm mais dificuldades.

Conforme Daros (2018, p. 11) enquanto existir o “modelo tradicional de ensino, baseado unicamente no ensino do conteúdo do livro didático e em exercícios de fixação, que ainda acontece em quase todas as classes do mundo, alunos e professores desmotivados para o aprendizado continuarão sendo gerados”. Diante dessa afirmação e da realidade atual, em que se vive num mundo globalizado e tecnológico, urge uma mudança nos métodos de ensino e aprendizagem, pois, o que ainda se vê, em muitas escolas, é a utilização de uma metodologia de 50 anos atrás e, que, hoje, não se sustenta mais. Segundo Lima e Moura (2015, p. 90), “na formação continuada do professor nas escolas brasileiras, tanto públicas quanto particulares, pouco foi desenvolvido em relação às novas habilidades, sobretudo aquelas necessárias para o uso intencional de tecnologias digitais”. Desse modo, é inegável que isso reflete diretamente na continuidade de práticas pedagógicas ultrapassadas.

A escola de hoje precisa ser redesenhada e o professor necessita mudar junto com ela. Para tanto, uma maneira é o da formação continuada do professor. Mas uma formação que contribua com o desenvolvimento profissional de professores (SOARES, 2005) por meio do estudo contínuo e aplicação de metodologias ativas de aprendizagem; uma formação que possibilite ao professor continuar comunicando-se face a face com os estudantes, mas também, digitalmente, pois o que a tecnologia traz hoje é a integração de todos os tempos e espaços; uma formação que leve o professor a pensar como inserir as Competências expressas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) na sua prática docente/Área do conhecimento. Para tanto, há de se adotar uma metodologia que incentive ao protagonismo, que coloque o estudante como autor da própria jornada pedagógica, pois, quanto mais eles aprenderem próximos da vida, melhor.

Camargo (2018, p. 16) afirma que as metodologias ativas têm como foco de “desenvolvimento de competências e habilidades, com base na aprendizagem colaborativa e na interdisciplinaridade”. Segundo o autor, proporcionam: a) desenvolvimento efetivo de competências para a vida profissional e pessoal; b) visão transdisciplinar do conhecimento; c) visão

empreendedora; d) o protagonismo do estudante, colocando-o como sujeito da aprendizagem; e) o desenvolvimento de nova postura do professor, agora como facilitador, mediador; f) a geração de ideias e de conhecimento e a reflexão, em vez de memorização e reprodução de conhecimento.

Nesse sentido, a metodologia deve acompanhar os objetivos pretendidos. Se o desejo é formar estudantes criativos, interessados, críticos, autônomos, mais humanos, é imperativo adotar metodologias que contribuam para isso. E as metodologias ativas representam um caminho para uma aprendizagem mais significativa. Contudo, sabe-se que trabalhar com elas não é tarefa fácil, uma vez que tudo perpassa por um grande planejamento, organização e acomodação, tanto por parte do professor quanto dos estudantes. Além disso, envolve relações humanas de aprendizagem. Portanto, o professor carece de competência no sentido de conhecer, saber orientar, para que o aprendiz construa o conhecimento.

Utilizar novas metodologias como possibilidades de intervenção para aprendizagens, envolver os estudantes, aguçar a curiosidade e mostrar a aplicabilidade dos componentes curriculares para a vida e a construção do viver, não é simples, mas é primordial e urgente para suprir as necessidades deste novo educando.

Pensando nesta indispensabilidade, traz-se à tona o pensamento dos autores Marx e Engels, os quais defenderam a formação do homem onilateral. Essa formação legitima o homem na sua completude, tanto pelo trabalho produtivo quanto pela vida em sociedade. Nela, o indivíduo é compreendido na sua totalidade, ou seja, em todas as suas potencialidades e sentidos. Segundo Manacorda,

[...] a onilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho (2010, p. 96).

Na profundidade dessa citação, é possível afirmar que o autor reforça a importância da formação a partir da integração de diversos temas como o trabalho, a ciência, o lazer, a cultura, que devem ser entendidos como complementares. Em outras palavras, um não deve se sobrepor ao outro, como mais importante. Inclusive, o autor ressalta a relevância do tempo livre, da reserva de “atividades elevadas”, “atividades culturais”, “desinteressadas, não imediatamente produtivas” (MANACORDA, 2010, p. 110) como primordiais à formação integral do sujeito. As ideias desse autor se traduzem em reflexão e fomentam a busca por uma formação que abarque todas as dimensões: cognitiva, físico, social e cultural, pois todas são essenciais e importantes na mesma medida. Entretanto, o que ainda se vê no processo de ensino e aprendizagem é a ênfase na dimensão cognitiva. Essa dimensão é significativa e tem o seu valor porque permite desenvolver muitas habilidades por meio dos objetos do conhecimento. Ela permite a apropriação dos saberes historicamente acumulados pela humanidade, mas não deve ser colocada como central. Tentar uma aproximação entre as diferentes dimensões é primar por uma formação global ampliada que ultrapasse os limites inseridos pelos indicadores de desempenho escolar.

Vigotsky (2003) levanta em seus estudos o valor da criatividade e sua expressão na realidade. Destaca a valia da dimensão estética para o desenvolvimento integral do ser humano por meio do ensino da arte, da música, dança, teatro, etc.

Pistrak (1981) evoca a coletividade como base para o trabalho e, conseqüentemente, para a formação completa do sujeito. Para este autor, a noção de coletivo compreende a composição de um corpo único e coeso: “o coletivo é uma concepção integral e não um simples total referido a suas partes, o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes ao indivíduo. A quantidade se transforma em qualidade” (PISTRAK, 1981, p. 177). Assim, o trabalho coletivo, mesmo sendo um desafio, porque é necessária a articulação das pessoas no desempenho de uma ação em conjunto, colabora com a elaboração do pensamento crítico, com a capacidade de resolver problemas e com a construção solidária das pessoas.

Em linha convergente, Foletto (2017) também contribui com a discussão quando reforça que, devido à complexidade da vida do ser humano, a maioria das necessidades precisa ser alcançada por meio da coletividade, pois se vive em sociedade. Este agrupamento engloba grande quantidade de elementos, formando uma rede de indivíduos, que muitas vezes estão orientados em busca de um mesmo objetivo. Trabalhar coletivamente é uma excelente oportunidade de aprendizagem humana. A autora enfatiza a importância do trabalho em grupo e o conceitua como aquele que se “compõe por pessoas reunidas com um objetivo comum e que, mesmo com dificuldades e limitações, trabalham de acordo com o seu tempo envolto no desafio de aprender, ensinar, criar, transformar e motivar, procurando sempre chegar a um entendimento neste espaço coletivo” (FOLETTTO, 2017, p. 114). Assim, o conhecimento não é construído pelo indivíduo solitário, e sim, na dinâmica estabelecida por todos os envolvidos no processo. Isso deixa clara a pertinência do trabalho coletivo para desenvolver o todo do sujeito.

Retomando a discussão sobre o trabalho pedagógico, questiona-se sobre quais propostas metodológicas são capazes de dar conta de uma formação que atenda a integralidade do sujeito e que contribua com o desenvolvimento de pessoas mais humanas e solidárias. Uma formação que permita ao estudante encontrar-se com a própria vida; que se desenvolva enquanto indivíduo; que não tire a sua capacidade de pensar, elaborar, estabelecer relações entre partes de uma totalidade cujas contradições precisam ser desveladas.

Em resumo, de que forma é possível associar os objetos do conhecimento à formação unilateral do sujeito? Parece que a resposta para esta indagação perpassa pela inserção de metodologias ativas na prática docente, pois elas relacionam a teoria com a prática, colocam o estudante como sujeito ativo da sua aprendizagem e ainda contribuem com o que ele deve saber conhecer (competências) e saber fazer (habilidades) (BNCC, 2018). Além disso, a formação global do estudante também é atravessada pelo comprometimento de todos os segmentos da escola para integrar a escola à vida.

O percurso metodológico

A metodologia deste artigo afina-se com a abordagem qualitativa, do tipo relato de prática, pois apresenta o trabalho desenvolvido com 25 estudantes do 3º ano de uma Escola Estadual de Ensino Médio, do interior do RS, Brasil, orientado pela professora dos componentes curriculares de Filosofia e Sociologia da turma.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Segundo Minayo (2002, p. 21), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa das ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Interpreta e compreende a realidade e as relações sociais, prestando-se para que se promova um diálogo entre a teoria e a prática.

Neste contexto, a prática realizada com estudantes de Ensino Médio (EM) adentra no gênero textual Seminário de estudo, pois teve como foco principal a oralidade e argumentação a respeito de um assunto relacionado à determinada área do conhecimento. O seminário é uma técnica de ensino socializado, na qual estudantes se reúnem em grupo com o objetivo de estudar, investigar, um ou mais temas, sob a orientação do professor. Utilizam-se da exposição oral, da discussão e do debate para estudar um assunto. Envolve um trabalho de pesquisa de dois ou três meses e se caracteriza como uma oportunidade de promover a discussão e a problematização em sala de aula (PAULA, 2020).

A prática de Seminário de estudo desenvolvida está vinculada ao projeto de extensão intitulado “Metodologias Ativas: uma proposta inovadora para professores da Educação Básica”, de uma Universidade da rede privada, também do interior do RS, Brasil, a qual se propõe a articular Ensino, Pesquisa e Extensão. Esse apresenta como proposta a formação continuada de professores de uma Escola de Ensino Médio, localizada num município do RS e é proposto e desenvolvido pela profissional que atua como docente nas duas instituições. Para tanto, objetiva, por meio de encontros presenciais e a distância (plataforma *moodle*), trabalhar com os professores desta escola metodologias ativas de aprendizagem que contemplem tendências como: competências para o século XXI (conhecimentos, habilidades e atitudes) que preparem os estudantes para os desafios da vida contemporânea; trabalho personalizado, que propõe estratégias educativas adaptadas aos interesses, ritmo e formas de aprender de cada estudante; e a experimentação a qual parte de experiências práticas, por meio de elaboração de projetos/estratégias ou produtos concretos. Assim, o projeto baseia-se em três aspectos do ensino inovador, pois entende a aprendizagem como experiência pessoal; os estudantes são orientados pelo professor para desenvolver atividades desafiadoras, como por exemplo, trabalhar em grupo para desenvolver soluções eficazes para questões essenciais; e usar a tecnologia para melhorar os resultados dos estudantes.

Baseado nessa proposta, a ideia do Seminário surgiu após o questionamento de uma aluna na aula de Filosofia quando trabalhado o texto de Zygmunt Bauman, intitulado “Sozinhos no meio da Multidão” (2011, in cap. 2, 44 Cartas do Mundo Líquido Moderno). O texto do sociólogo polonês aborda a questão de que se vive em tempos líquidos em que é mais fácil desistir a investir para superar as dificuldades. A ansiedade e a incapacidade de se aprofundar e se reinventar faz com que as pessoas se atenham ao que é seguro, se mantendo acomodadas na superficialidade das relações.

Em vista disso, o questionamento da aluna foi sobre o porquê que no Ensino Médio as obras não eram trabalhadas na íntegra e também por que não eram apresentados outros autores além dos trazidos nos livros didáticos, justificando que considerava muito fragmentada e

limitada a forma como as ideias dos autores eram mostradas em tais livros. Ressaltou ainda que eles, estudantes, não tinham contato com as obras, apenas as conheciam superficialmente.

Ao refletir sobre este questionamento, a professora, motivada pela formação recebida pela Coordenação Pedagógica da escola sobre metodologias ativas e diante do desafio proposto pela aluna, decidiu optar pelo Seminário, organizando-o. Este seminário teve por objetivo desenvolver atributos importantes para a vida de qualquer sujeito como a empatia, atitudes e valores de estudantes dos 3^{os} anos do Ensino Médio, por meio da vivência prática.

Mediante reflexão conjunta (professoras e estudantes) o grupo definiu o tema “Medo”, o qual veio acompanhado pela seguinte questão norteadora: O que nos causa medo?

Após a leitura e análise de uma série de obras, optou-se por trabalhar o Livro “O Medo Líquido”, de Zygmunt Bauman (2008, p. 7-125). A escolha deste livro e autor se deu em parte pela forma clara da abordagem do tema, o que facilitaria o estudo do mesmo e também dava aos estudantes a possibilidade de relacionar com o cotidiano deles.

As atividades iniciaram no mês do setembro de 2019, uma vez na semana, durante as aulas de Filosofia e Sociologia e culminaram com a apresentação do seminário em novembro. Ao longo do desenvolvimento da atividade os alunos foram orientados desde o início até a elaboração da atividade final para apresentação, visto que era algo inédito para todos.

A prática elaborada com Seminário de estudo teve como intenção pedagógica acompanhar o desenvolvimento de leitura e pesquisa de obras; apreciar, comunicar e avaliar os resultados de estudos e pesquisas; discutir um problema; formular hipóteses; trocar ideias e compartilhar experiências entre os grupos; receber críticas, comentários e sugestões (PAULA, 2020).

Abrangeu as seguintes etapas: a) Atividade de sensibilização com os estudantes do EM para despertar o interesse pela realização do seminário; b) Apresentação do desafio do seminário para a turma e consolidação da pergunta motivadora; c) Seleção e análise de diferentes obras; d) Divisão da turma em grupos de 4 integrantes; e) Sorteio dos capítulos (2008, Introdução e cap. 1, 2, 3) da obra escolhida para apresentação; f) Orientações escritas sobre pontos essenciais do tema, formulação de questões para serem analisadas e discutidas; g) Elaboração de questões sobre o capítulo lido com o intuito de suscitar questões para o debate; h) Confecção de um calendário de apresentações; i) Apresentação dos capítulos pelo grupo; j) Mesa-redonda com mediador para o depoimento dos participantes; k) Produção de texto crítico sobre o capítulo com as impressões pessoais de cada um; l) Compartilhamento do texto para os colegas via *Whatsapp* e/ou *e-mail*; m) Como produto educacional, produção de vídeo contando a experiência; n) *Feedback* sobre o seminário desenvolvido e conseqüente aprimoramento para atividades futuras; o) Reflexão sobre a pergunta motivadora; análise de acordo com os novos aprendizados; avaliação dos objetivos e aprendizados conquistados.

Discussão das impressões sobre a prática

Por saber que a aprendizagem de sentimentos e comportamentos se dá durante toda a vida da pessoa e que se propagam nas práticas culturais do grupo a que a pessoa pertence

(GUILHARDI, 2002), esperou-se que a prática desenvolvida estimulasse os estudantes a aperfeiçoar e/ou desenvolver essas qualidades a fim de tornarem-se agentes ativos de sua própria vida, utilizando o potencial da empatia, atitudes e valores como instrumento de ação para a transformação do sujeito e do ambiente.

Na opinião dos(as) estudantes, o seminário extrapolou e muito o tema proposto, pois proporcionou experiências importantes, em especial, para a formação humana deles(as). Ao falar sobre os vários tipos de medo, aos poucos cada participante foi se questionando sobre o que lhe causava medo e isso resultou numa discussão extremamente rica e delicada, em que cada um ouviu o outro, e falou sobre seus maiores temores. Nesta atividade, tiveram a oportunidade de vivenciar, na prática, uma discussão que trouxe à tona sentimentos e percepções novas sobre os colegas, despertando dentro deles a importância de falar sobre o que sentem. Daí surgiu a ideia de como é importante o estudante ter seu “lugar de fala”, seu espaço seguro, no qual ele pode aprender sobre si e sobre os outros e do quanto isso melhora as relações entre eles e também com as pessoas que os cercam no cotidiano. Além disso, os estudantes foram unânimes em dizer que foi uma experiência incrível, mesmo com algumas dificuldades e limitações iniciais enfrentadas como, por exemplo, a concentração para a leitura da obra; o nervosismo para apresentar; domínio do conteúdo; se fazer compreender para os colegas; expor seus medos, dúvidas e angústias.

A atividade em forma de seminário também possibilitou aos estudantes “ver” a Filosofia e a Sociologia como algo que faz parte das suas vidas, de que não se tratava apenas de ideias de um determinado autor, mas de conhecimentos que facilitam a compreensão da realidade que vivem.

A metodologia em forma de seminário foi uma experiência única e enriquecedora que proporcionou aos alunos um primeiro contato com um tipo de atividade que muitos terão de desenvolver na continuidade dos seus estudos no ensino superior ou técnico.

Outro fator importante foi, sem dúvida, o desenvolvimento de uma concepção crítica em relação à sociedade contemporânea, em como as relações se liquefazem e as pessoas deixam de perceber o que está diante dos seus olhos. Em uma passagem, a obra fala sobre o medo e as incertezas em relação ao futuro e de como isso paralisa as pessoas. Isso levantou uma série de questionamentos sobre o que as pessoas deixam de fazer por medo das consequências de seus atos e sobre o imediatismo de viver apenas o hoje, pois o amanhã é incerto e isso lhes causa medo. E do quanto é difícil encontrar o “meio-termo”, equalizar entre a ansiedade pelo que ainda não aconteceu ou a falta de expectativa e acomodação.

Junto a tudo isso houve a percepção de que a Escola precisa ter um espaço de acolhimento no qual os estudantes possam falar sobre os sentimentos em relação ao que vivem, de que eles precisam ser vistos na sua integralidade, afinal, o estudante é um ser humano e não apenas uma matrícula. E ao professor, a hipótese de que aprender não é somente acumular conteúdo, e sim, encontrar formas de se relacionar com a realidade, pois é preciso encorajar os estudantes de forma eficiente para que tenham uma melhor compreensão do mundo em que vivem.

Conclusões

A BNCC (2018) alterou significativamente a estrutura e a organização das habilidades e objetos de conhecimento de muitas áreas da Educação Básica. Traz como premissa a formação integral do estudante por meio do desenvolvimento de competências que abarquem as dimensões cognitiva, físico, social e cultural. Contudo, a BNCC não determina *como* ensinar, e sim, *o que* ensinar.

A partir dessa ampliação proposta pela BNCC, emerge a necessidade de se estudar para inserir e aplicar metodologias ativas de aprendizagem capazes de atender ao objetivo de uma formação mais integrada possível do sujeito. Logo, cabe ao professor pensar de que forma inserir as Competências na sua prática docente (Área do conhecimento) para desenvolver habilidades capazes de dar conta dessa proposta.

É certo que a prática é essencial até mesmo porque é dela que surge a necessidade de compreender o que se está fazendo, ou seja, a teoria. Mas, quando a ação humana fica presa somente a uma prática repetitiva e se perde a íntima relação que ela deve ter com a reflexão teórica, a práxis se torna alienada. Tendo isso em mente, assume-se a luta pela construção de uma educação de qualidade para todos. Por isso, é importante se questionar sobre a realidade da escola de hoje e o que ela está fazendo para mudar para que os estudantes se formem cidadãos críticos. A realidade da escola é uma só e deve passar por um processo de mudança porque ela é um grande agente de transformação individual e coletiva. E as metodologias ativas de aprendizagem indicam um caminho para essa mudança, pois contemplam abordagens inovadoras e diferentes. Elas são uma verdadeira revolução no ensino, já que a transformação se dá, principalmente, por conta do protagonismo do aluno em sala de aula.

A aprendizagem por questionamento e experimentação tem mais relevância para uma compreensão ampla e profunda dos conhecimentos. Nesse sentido, a aprendizagem é ativa e significativa quando há um crescimento em espiral (BACICH; MORAN, 2018), ou seja, quando o estudante evolui de um nível mais simples para um mais complexo em todas as dimensões (cognitiva, físico, social e cultural). As metodologias ativas, com a mediação do professor, são estratégias de ensino centradas no envolvimento direto, participativo e reflexivo do estudante em todas as etapas do processo de ensino e aprendizagem. Portanto, trazem contribuições importantes para a formação dos aprendizes e representam, sim, um caminho para aprofundar e ampliar o conhecimento, nas competências socioemocionais e em novas práticas. As escolas precisam ser espaços de apoio para que todos possam evoluir, para que se sintam apoiados nas suas aspirações (BACICH; MORAN, 2018).

Assim, neste artigo objetivou-se apresentar os resultados de um trabalho desenvolvido nos componentes curriculares de Filosofia e Sociologia de uma Escola Estadual de Ensino Médio do interior do Rio Grande do Sul, Brasil, que teve a competência socioemocional expressa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) como pano de fundo.

Com base na prática pedagógica desenvolvida, pôde-se observar que os estudantes se envolveram com as atividades e se dedicaram para a sua realização. Toda essa caminhada

colaborou para o processo de ensino e aprendizagem e para a efetivação do exercício e estímulo ao pensamento crítico e às atitudes empáticas dos estudantes. Trouxe para alguns estudantes uma experiência que lhes proporcionou o primeiro contato com uma metodologia que exige a participação coletiva, interativa e expositiva. Numa segunda oportunidade, provavelmente na vida acadêmica, estarão mais seguros para realizar atividades com essas características.

A prática pretende ser ampliada com vistas a uma atividade mais interdisciplinar com as diferentes áreas do conhecimento, todavia, pôde-se perceber o engajamento dos estudantes com o estudo de um autor em específico. No caso, notou-se que conseguiram entender como a Filosofia e a Sociologia podem ser interessantes, desafiadoras e ao mesmo tempo, simples, algo que faz parte do cotidiano de cada um.

Conclui-se que o desenvolvimento da atividade estimulou a aprendizagem de sentimentos e habilidades como a empatia, atitudes e valores de estudantes dos 3^{os} anos do Ensino Médio, por meio da vivência prática. Desse modo, a educação é um investimento formativo do humano e a mediação do professor nesse processo é universal e insubstituível. Assim, é inegável a contribuição das metodologias ativas para a formação integral dos estudantes e para a inovação da práxis pedagógica do professor.

Referências

- BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática**. Porto Alegre: Penso Editora Ltda, 2017.
- BACICH, L.; MORAN, J. Metodologias Ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH e MORAN (Orgs). **Metodologias ativas para uma Educação Inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Z. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. São Paulo: Jorge Zahar, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular-Ensino Médio**. Brasília, 2018.
- CAMARGO, F.; DAROS, T. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- FOLETTI, D. S. **O processo constitutivo do Grupo de Análise Narrativa Discursiva: a formação de pesquisadores no espaço grupal**. 2017. 228 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GUILHARDI, H. J. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In: **Comportamento Humano: Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor**. SILVA, M. Z. et

al. (Orgs.). Santo André: ESETec Editores Associados, 2002. Disponível em: https://www.itcrcampinas.com.br/pdf/helio/Autoestima_conf_respons.pdf. Acesso: 10 jun. 2020.

KRAWCZYK, N. Reflexão sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil hoje. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 144, p. 754-771, 2011. Disponível em: www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a06.pdf

LIMA, L. H. F.; MOURA, F. R. O professor no Ensino Híbrido. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Orgs.) **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Alinea, 2010.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAN, J. M. Educador e pesquisador das transformações na Educação. In: YAEGASHI, S. *et al.* (Orgs.) **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017.

MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (Orgs.). Coleção Mídias Contemporâneas. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. vol. II. PG: Foca Foto PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <http://rh.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/67/2016/06/Mudando-a-Educacao-com-Metodologias-Ativas.pdf>. Acesso em: 23. Jun. 2020.

MORAN, J. M. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

PAULA, G. M. de. **Técnicas de ensino**. Disponível em: <https://gmagela.wordpress.com/tecnicas-de-ensino>. Acesso em: 11 jun. 2020.

PISTRAK, M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIGOTSKY, L. S. **La imaginacion y el arte en infancia: ensayo psicologico**. Madrid: Akal Ediciones, 2003.